



Historinhas de Galegos no Douro

António Cabral *

Esclarecimento

Nestas historinhas de galegos a quem o Douro muito deve manterho, quanto à estrutura diegética, o que me foi contado sobretudo pelos meus pais, quando eu era ainda criança, e que numas curtas férias de Entrudo, passadas com a minha mulher em Castedo do Douro (8-13, Fevereiro, 2002), relembro com a minha irmã que me aviva a memória. Emprego algumas palavras não portuguesas tal como sempre as ouvi; e outras ainda que fazem parte da fala regional. Acrescento que no Douro, desde meados do século XVIII até princípios do século XX, os galegos eram empregados nos trabalhos mais duros, razão por que, segundo me contou Isaac Estravis, na sua aldeia natal, perto de Ginzo de Lima, as mães, quando se querem fazer obedecer pelos filhos pequenos, ainda hoje dizem: faz isto, se não boto-te ao Douro. Entravam pelas bandas de Montalegre e de Chaves, donde também vinham alguns homens, o que explica que certas historietas, a começar logo pela primeira (de três tenho eu conhecimento e Bento da Cruz regista-as no seu livro "Histórias da Vermelhinha" de 1991), aí se tenham divulgado, com variantes.

Estima-se que a colónia galega atingiu cerca de 40% dos trabalhadores diários, sobretudo nas vindimas. Nos roteamentos ou saibramentos os nossos vizinhos demoravam-se mais. Muitos acabaram por se radicar e ainda hoje há famílias de ascendência galega reconhecida. Havia trabalhadores doutras proveniências:

* Professor, Escritor e investigador.

montanheiros (das zonas montanhosas a norte do rio), *longroivos* (de Longroiva – os que vinham das montanhas a sul), *vareiros* (da zona de Ovar) e minhotos, etc. A presença vareira e minhota foi-se diluindo. Repare-se porém nesta sugestiva quadra popular:

A Régua era bonita,
se não tivesse dois erros:
passeada de vareiros,
ladrihada de galegos.

Quanto às historinhas, uma nota sobre o começo. A uma senhora de Lagoaça (Freixo de Espada à Cinta) ouvi a seguinte versão: “Era uma vez vint’once galegos como vint’once burros e o mais pequeno era com’a mim”. Perguntei por que é que os galegos eram comparados a burros e ela (Amélia Figueira, agora em 2004 com 98 anos, disse-me prontamente: “Então não vê? Eram grandes como burros. Só um é que era pequeno”. Tal interpretação não invalida a que pode deduzir-se destas facécias em que a esperteza dos nossos vizinhos deixa algo a desejar, o que de resto coincide com anedotas que ouvi em outras regiões de Espanha. A passagem relativa aos galegos que só sentem as suas pernas à base de pancada, tem também outra versão em Lagoaça. A estúrdia é dada logo no início da narrativa, quando os galegos (desistindo da contagem porque o contador, não se contando a si, era incapaz de acertar com o número) pediram a um português que os contasse. Este, postando-se à entrada da ponte, propôs aos galegos que fossem passando, um a um, enumerando-os à bordoadá, até ao número trinta e um (vint’once).

Em “Cantares Galegos”(1863) Rosalía de Castro fez-se eco do que ela julga uma injustiça e aconselha: “Castellanos de Castilla, / Tratade bem ós galegos”. A Galiza anedótica de Portugal tem sido o Alentejo, o que num caso e noutra, significando uma graça étnica bem mordaz, acaba por se converter num sorriso folclórico.

1. Caíram todos ao rio

Era uma vez vinte e cinco galegos como vinte e cinco burros que traziam vinte e cinco palos como vinte e cinco traves. Atraídos pela fama de boa chelpa para os que trabalhavam nas vinhas do Douro, largaram por montes e vales, chegando em pleno Inverno, tempo de podas. Ao pé do rio, depois de tão longa caminhada, lembraram-se de verificar se algum deles teria ficado para trás e o mais corpulento, com ares de chefe, pôs-se a contar os do rancho, um a um. Só contava vinte e quatro e disse:



– Falta um.

Voltou a contar, mas como não se contava a si próprio,

– Conho!– disse. – Onde se terá metido o nosso companheiro?

Puseram-se todos a magicar e a procurar por ali. Até que o matulão se debruçou numa ponte.

– Vinde cá, rapazes, vinde ver. O nosso companheiro está no rio. Temos de o ir, buscar, se não afoga-se.

Um a um, olharam todos para baixo e, como cada qual via a sua imagem na torrente, concordaram.

– Conho! E como havemos de lá ir?

– Fácil – alvitrou o chefe. – Eu penduro-me da ponte. Tu desces por mim abaixo e agarras-te aos meus pés, aquele desce também por nós e agarra-se aos teus e assim por diante – ia dizendo e apontando. – O raio da ponte é altarica, é, mas nós somos valentes e havemos de chegar à água.

Meu dito, meu feito. Estava o cordão formado, quando o do topo, estafado de aguentar com tanto peso, disse aos outros:

– Esperade aí, companheiros. Vou cuspinhar nas mãos que já me começam a esticar e a doer.

Desligou-se do bordo da ponte e caíram todos ao rio, chape, chuuu. Lá conseguiram sair, depois de muito batalhar e estenderam-se no areal a secar ao pouco sol que restava da tarde. Estava frio e, como se aproximava a noite, foram à cabana dum pescador e pediram-lhe um agasalho, fosse o que fosse, para dormirem ali perto, debaixo dum salgueiro. O pescador, que sim-senhor e mais que também, emprestou-lhes uma rede de pescar, já velha e esfiapada. Agradeceram muito e lá foram à soneca.

Que frio fai lá fora

Aquela noite ficou na história do Douro como das mais frias de que há memória. Os homensregelaram até ficarem inteiriçados. Um deles, a certa altura, meteu um dedo num buraco da rede e cantarolou:

– Que frio fai lá fora!

Os restantes, idem, aspas, e começaram a encostar-se uns aos outros, à procura de alguma quentura que por ali andasse perdida. Ouviam-se então ruídos, como se foram de castanholas. Os próprios sonhos ficaram encodados. De manhã, mal

acordaram aos primeiros raios de sol, queriam erguer-se, mas não podiam. E, quando iam para falar, a água não corria. Até que o pescador passou pelo sítio e um deles, a quem a luz tinha conseguido entrar na boca, lá se fez entender:

– Ó meu senhor, faça a esmolinha de me dizer quais são as minhas pernas, pois quero-me levantar e não acerto com elas.

O pescador, que ia com um fueiro na mão, não teve outro remédio senão malhar a bom malhar nas pernas do suplicante.

– Vos também quereis?

– Se faz favor.

– Estas são as minhas pernas. Muito obrigado, patrón – gaitou o primeiro.

– E estas as minhas. E estas as minhas.

Repetiam-se uns aos outros, como se estivessem a ser desembrulhados. O pescador ria-se a bom rir, enquanto eles iam arribando, tem-te-não-caias. E, depois de codearem, foram-se dali à procura de trabalho que não custou a arranjar, pois eram sãos como peros e tinham boa cara. Etc.,etc.,até que chegou o Verão e o trabalho começou a escassear. Continuavam unidos, porém. Para o que desse e viesse.

2. Amaruchar amarucham

Um dia, iam de uma aldeia para outra e sentiram fome. Viram um portuguesito que estava a varejar umas noqueiras e lá lhes pareceu que eram pessegueiros. Regulavam mal da cabeça, tal a larica e a sede que deles se tinham apoderado. O mais afouto e reguila, o tal que contava os outros e não se contava a si, atreveu-se a pedir alguns pessêgos para ele e para os companheiros.

– Por favor, patrón. Díós le pagará.

O portuguesito espreitou o furo e descobriu uma oportunidade de descascar as nozes sem qualquer trabalho da sua parte. E disse:

– Muito bem. Ides encher a barriguinha dos melhores pêssegos que há no mundo e arredores. Nunca os ireis esquecer. Acreditais?

– Acreditamos.

– Ora vinde. Tendes aqui dois cestos cheios e ali outros dois ainda vazios. Podeis comer à vontade, mas com uma condição: papais a polpa sumuda, tanta quanta quiserdes, mas os caroços deitai-los nos cestos vazios, que é para eu os voltar a semear. E o que é certo é que os galegos, que já só viam pêssegos



à sua frente, caíram facilmente na esparrela. Puseram-se então a manducar desalmadamente e comentavam, fazendo carantonhas a cada dentada:

– Amaruchar amarucham, mas pessêgos son¹.

A raposa

A paparoca deu-lhes para se endiabrarem e, quando já iam nas andadeiras, atoparam à beira .do caminho uma .raposa morta e entourida. Miraram-na bem, miraram, e deu-lhes para descarregar sobre ela as fúrias e desnortes provocados pelo sumo azedo que lhes ardia no estômago, tanto mais que raposa, inchada como estava e peludeca, lembrava-lhes um bombo da festa dos Lázarus em Verín. Travou cada qual de seu palo e zabumbaram nela forte e feio. A cada pancada, a saltapocinhas ora se virava para um lado ora para o outro, saltando mesmo ao ar. E eles, enraivecidos:

– Reviva que não reviva, levar há-de as levar.

3. Um mal nunca vem só

Redra de borla

Foi quando o reguila teve a ideia de se dividirem em três grupos a que deram os nomes de Grupo de Baixo, Grupo do Meio e Grupo de Cima.

O Grupo de Cima rumou a um povoado encavalitado na montanha onde decorriam os trabalhos da escava, serviço que consiste em abrir uma meia cana ao longo de cada bardo de videiras, a fim de aliviar estas de ervas daninhas e facilitar a adubação, com a terra mais permeável à chuva. Um lavrador contratou o grupo que, uma vez executada a tarefa, quis receber logo o dínheirinho. Como o lavrador se escusasse do pagamento imediato, alegando que só depois de vender o vinho é que estava em condições de o fazer, a malta reuniu-se e, depois de acalorada discussão, deliberou o seguinte: pegar cada um de sua enxada, irem todos à vinha do espertalhão e desfazerem a escava. Isto, passados meses, já na terra crescia o farto ervaçal de Abril. A sede de vingança era grande e meteram mãos à obra. O lavrador soube, foi ver de longe e esfregou as mãos de contente.

– Olha, olha: estão-me a fazer a redra de borla!

¹ Amaruchar – amargar.

A azeitona

O Grupo do Meio foi dar a uma aldeia em cujos terrenos ladeirentos abundavam olivais. Facilmente encontrou patrão que, mirados e remirados os farsolas, logo propôs trabalho no varejo das oliveiras e apanha da azeitona. Que sim-senhor, anuíram imediatamente. O mês de Dezembro corria friorento, com algumas rajadas de vento que faziam cair a azeitona, a qual, uma vez no chão, ficava cozida e recozida com a geada. Apenas chegaram ao olival, nuestros hermanos, porque tal azeitona lhes abria o apetite, começaram a manducá-la como viam fazer aos tordos,

– e estes bem gordinhos e ligeiros que andam.

O patrão, que não era trouxa, interveio, recomendando que comessem à-vontadinha, mas deixando cada um seu montinho de carunhas em cima duma lájea. E eles, agradecidos:

– Pró céu vá o fidargo.²

Ao fim do primeiro dia de labuta, o dono saiu-se-lhes com esta, cofiando a barbicha:

– Bom, temos de fazer contas.

Olhou para os montículos de carunha e disse:

– Segundo os meus cálculos, vós ainda me deveis dinheiro, pois cada azeitona vale um tostão.

E eles, meio azoïnados:

– Prò inferno vá o fidargo.

E desandaram com o rabo entre as pernas.

Cachaplim plim

Desciam por um caminho de cabras e assomaram a um fragão donde se contemplava, a meio da encosta fronteira, um povoado que lhes chamou a atenção. Fosse da graça que acharam a tanta janela e cal reluzente, sinal de conforto, fosse da grandeza que respirava o solar duma quinta, mais abaixo, decidiram romper o acordo de trabalhar para o fidargo das azeitonas e puseram -se em marcha para a outra banda. Quem se muda Deus o ajuda, ora pois.

² *Fidargo* – fidalgo.



Ao chegarem ao rio, viram um barco e um deles gritou ao barqueiro que fosse buscá-los depressinha,

- si non...
- Se não?! Se não quê, seu galego?
- Si. non... quedamos por acá.
- Ah!

E partiram, tendo de pôr os tlíntamos a dobrar por causa da urgência. Já no outro lado foi o bom e o bonito. Queria o homem do barco marcá-los, antes de regressar, e arremessou contra o mais chibante uma joga do rio que lhe foi bater em cheio na tola. Aferroados, os galegos ripostaram, pegando no que por ali tinham à mão: torrões de lamiça que primeiro boleavam, disparando-os em seguida.

Ora, à noite, os galegos contaram na taberna que os bólides iam direitinhos à fucinheira do portuguesito,

- cachaplás, plás!,

deixando-lha tão preta como a dum carvoeiro.

E, durante a ceia, o portuguesito contou à mulher que na refrega apanhava as jogas da margem, umas reboludas, outras esquinudas, certas como zagalotes, atirando-as à testa de cada um dos bisnaus, a qual ficara em papas e a esguichar sangue.

- Cachaplim, plim. Era cacho como nabo.

4. A rata sábia

O Grupo de Baixo ficou-se por uma quinta à beira-rio onde, de oito em oito dias, passava o barco rabelo da carreira que levava e trazia o correio. Quando, uma noite depois da ceia, estavam num terreiro a dançar a muiñeira, apareceu o feitor a entregar uma carta a um que se chamava Cortes, Xosé Cortes. Este leu, releu, e começou a dar pulos de contente.

- Tenho mais um hijo! - exclamou.

Então um dos compañeros abeirou-se com passinhos calculados, tocou-lhe no ombro e disse-lhe à puridade:

- Ó boizana, tu estás aqui, passa dum ano, a tua mulher tem um filho e não dás conta de que o filho não é teu?
- Como no? Então quando uma vaca tem vitelos estes não pertencem todos

ao dono da vaca? Deixa-te de malandrices. O que tu tens é dor de cotovelo – concluiu, pondo-se a dançar ao toque da gaita de foles.

Ninguém teve coragem de se rir. Este Xosé era um pobre diabo, um bom-serás que não se metia com ninguém e gostava de dar uma ajudinha fosse a quem fosse. Todos no grupo o estimavam, tendo às vezes pena dele. Contava-se que andava há muito tempo desejoso de vir trabalhar para o Douro e, se mais cedo não veio, foi porque a sua mulher se opusera. Mas, como o tempo dá mais voltas do que um cachorro ao qual o rapazio chega aguarrás ao traseiro, a mulher começou a amaciar e um dia quase o impontou. A carta sobre o nascimento de mais um hijo dá a entender alguma coisa.

Contudo nos tempos em que a mulher precisava mesmo do marido e lhe bombardeava os ouvidos por dá-cá-aquela-palha, vinha ele um dia de Verín onde alguém lhe metera dentro bichinho luzidio e disparou, logo à porta de casa, na sua inocência tão límpida como sonhadora:

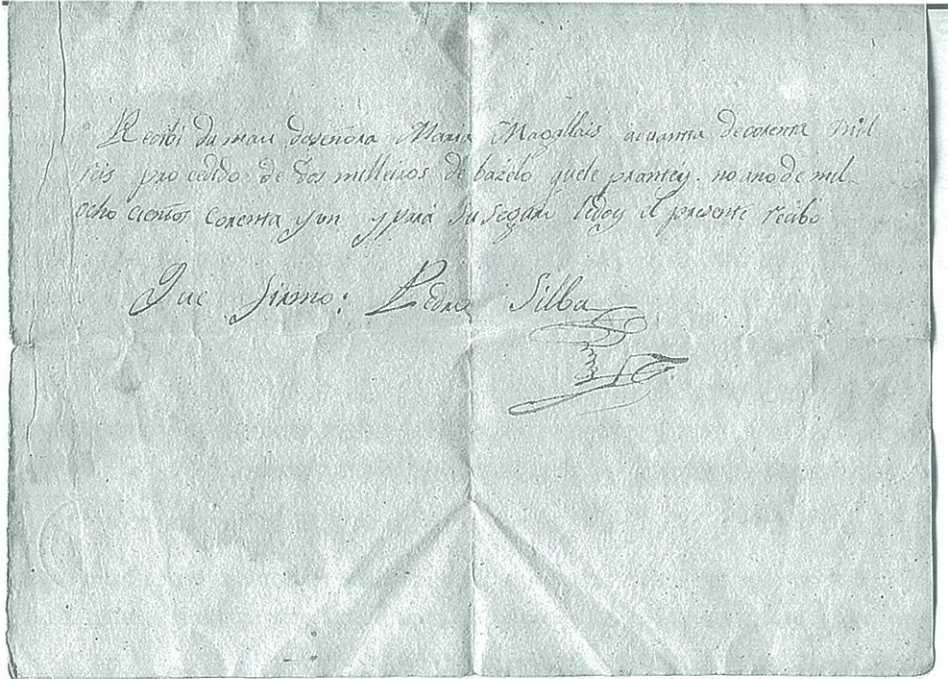
- Vou-me até ao Douro ganhar rios de dinheiro.
- Vais aonde? – perguntou a cara-metade.
- Ao Douro, para as vinhas, que agora é tempo das escadavadas³ e lá pagam a bom pagar.
- Quem to disse?
- Disseram-me. Não te metas. Vou com uma roga. Amanhã ao meio dia temos de nos juntar em Chaves.

E a mulher, que não era maldosa, não senhor, moendo e remoendo girassóis:

- Pois vai, seja feita a tua vontade, mas desde já te aviso: os caminhos andam cheios de ladrões. E se te roubam? Se te roubam o saco da merenda e ainda por cima tens de beijar o cu ao ladrão? Pode ser. Pode ser.

E o Cortes empertigado, cheio de luas:

- Já te disse: vou ganhar muita bagalhoça para ver se a nossa casa arriba. A mulher cedeu. Logo de madrugada, o marido partiu com um lódão enfiado num saco sobre o ombro. Pouco depois, ela saiu também, vestida de homem, seguindo por um ata-lho. Percorrida obra de meia légua, o Cortes tem um mau encontro.
- Ponha já no chão o saco e o fueiro – bradou-lhe um corpanzil encapuzado.



Ele obedeceu, claro.

– Mas...

– Nem mas nem meio mas, seu vagabundo, ganancioso e homem sem vergonha. Volte para ao pé da sua mulher, que é aí o seu lugar. Mas antes – disse o encapuzado, baixando as calças, – antes, faço-lhe o favor de me dar um beijo no cu. Venha depressinha.

E ele obedeceu novamente, desta vez sob a ameaça dum marmeleiro. Até lhe parecia que era o marmeleiro a falar. Ao beijar o cu ao figurão, não é que este lhe descarrega uma trovoada de ventos mal cheirosos?!

E assim teve de regressar. Já em casa, a mulher recebeu-o sorridente.

– Então?

Foi obrigado a contar. Sucedera, tintim-por-tintim, como ela tinha previsto. Almoçaram e acalmaram. A Xosefa, de quando em vez, dava uns suspiros consoladinhos. Aí ele começou a ficar desconfiado. Até que a rata sábia confessou. Fora ela que se lhe atravessara no caminho. Ela, sim, conduzida pelo Anjo da Guarda. Então ele, com uma candura sonsinha, concluiu:

– Bem me pareceu, mulher, que aquele peido cheirava às berças da nossa horta.

5. As chouriças doces

Ao fim duns tempos, juntaram-se os três grupos porque já tinham saudades uns dos outros. Foram dar a uma aldeia onde se distribuíram por quatro casas de lavoura. A um rancho numa delas deram-lhe chouriças doces com aguapé. Comeram, comeram e tanto gostaram que pediram à patroa-nai⁵ que lhes ensinasse a fazer petisco tão saboroso. Disse ela que sim, mas só quando acabassem de plantar o bacelo que um deles tinha ido mercar à feira de Alijó e que aliás não parecia nada mau,

– pois não, senhor Silva?

– É muito bom, minha senhora – respondeu o interpelado que já arranhava umas coisitas de português. – A propósito, vou le dar o recibo.

E deu-lho para a mão. O qual, como curiosidade, aqui se transcreve:

*“Recibi da mau dasenora Maria Magalhais acuantia de corenta mil reis pra cedida de dos milleiros de bazelo quele prantey no ano de mil ocho cientos corenta y un y para su seguro ledoy el presente recibo. Que firmo: Pedro Silba”.*⁶

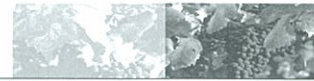
A patroa serviu, depois da aguapé, uma rodada de vinho, a pensar que, se o seu casal ia progredindo, isso também se devia a quem para ela trabalhava. Os galegos eram de facto bons operários, mormente no serviço mais penoso dos roteamentos, e ela aparecava-os com as tais chouriças doces. Logo que os homens terminaram a safra do plantio, Maria Magalhães ensinou-lhes o segredo das chouriças.

– É assim, tomaí lá tento – disse: – dá-se ao reco, durante três dias, sopas de mel, isto é, três dias antes da matança. Depois é só fazer as chouriças como as outras e pô-las ao fumo. Os galegos ouviram e no dia de feira trouxeram para o barracão onde pernoitava a malta dos vinte e cinco um berrão taludo. Mas, como o berrão berrava, o chefe disse:

– Não dormirá connosco, pois durante a noite precisamos de descanso e cheirinho de alfazema.

⁴ *Patroa-nai*; mãe.

⁶ “Recebi da mão da senhora Maria Magalhães a quantia de quarenta mil reis pela cedência (venda) de dois milheiros de bacelo que lhe apresentei (entreguei) no ano de mil oitocentos e quarenta e um, e para sua segurança dou-lhe o presente recibo. Que firmo: Pedro Silva”. Prantei (verbo prantar) usa-se no Douro com o sentido de apre- sentei, dei, entreguei.



E foi pô-lo numa lojinha ao lado que, como o barracão, tinha sido alugada ao prior da freguesia, a um preço baixo, simbólico – acrescentara ele, – pois, sendo os galegos bons cristãos, mereciam tal favor.

Tudo nos conformes. Trataram a alimária, segundo a receita, mataram-na, fizeram a desfeita e para as chouriças de mel aproveitaram as tripas, cheias como estavam, pois.

Antes de as porem nas varas do fumeiro sobre o lume de rama de pinho, provaram o acepipe. O chefe, que na casa onde trabalhava tinha sido elevado à categoria de capa taz, franziu as beíças e o nariz, piscou os olhos e sentenciou:

- Ó compañeros, isto, a bem dizer.. .Oh!, ih!, uh!..., direi que é mesmo mierda. Mas, como a portuguesita afiançou que era assim que se faziam as chouriças, uhuuuu!, vamos continuar, pois..., verdade, verdadinha, são mesmo boas!

Escusado seria dizer que, durante toda a santíssima noite, nuestros hermanos andaram de esforrica. E atribuíram o contratempo ao desconhecimento da língua portuguesa, quando a patroa nai lhes dera a receita.

6. Nós todos três

Resolveram então aprender melhor a nossa língua e por isso deitaram sortes para escolherem três deles, que numa tarde de domingo foram à taberna, demorando-se lá um bom bocado a jogar a bisca lambida, mas sobretudo atentos à mesa do lado onde três magnates da aldeia se distraíam com outro jogo. Ouviam mais do que jogavam e, passada uma hora, resolveram sair porque se julgavam na posse do essencial da língua de Camões.

Um sabia dizer na perfeição: “nós todos três”; o segundo, “cá por causas”; e o terceiro, “pois ‘stá claro”. Regressavam no dia seguinte do trabalho, pelo anoitecer, quando, a meio caminho, ouviram um tiro, supondo eles naturalmente que se tratava de algum caçador de javardos, pois viam-se muitos por ali. Mas qual não foi o seu espanto, quando descobriram, mais adiante, um homem ensanguentado que lhes meteu muita pena, não sabendo o que haviam de fazer. Ali estiveram algum tempo, pondo-lhe um lenço tabaqueiro num buraco aberto no peito, até que chegaram o regedor e um cabo de ordens, verificando-se que o homem estava morto. O regedor dirigiu-se então aos galegos:

- Sabeis quem matou este homem?
- Nos todos três – disse um.

- E porquê?
- Cá por causas – disse outro.
- Então agora ides presos.
- Pois ‘stá claro – concordou o terceiro, convencido de que tanto ele como os amigos tinham aprendido finalmente a falar bom português.

O grupo dos simpáticos galegos estava agora desfeito. Um deles que bem sabia da inocência dos camaradas, tidos injustamente como assassinos, ainda foi tirar satisfações com o cabo de ordens. Mas, palavra puxa palavra, acabou por levar umas bordoadas. Os galegos, agora vinte e dois, decidiram regressar à sua terra, bem desiludidos com a sorte. Aproximavam-se as vindimas que boas negaças lhes faziam com um cheirinho a dinheiro fresco, mas eles, nã, botaram-se ao caminho. Alguém ouviu cantarolar:

Fui ao Douro às vindimas,
 não achei que vindimar.
 Vindimaram-me as costelas
 – olha o que eu lá fui ganhar.

7. O Zé do Telhado

Veio a descobrir-se na tasca, passado um ano, que os três galegos retidos no aljube estavam inocentes. “In vino veritas”, isto é, o vinho a pôr os pontos nos is. Dois homens a insultarem-se e um deles a revelar o crime praticado pelo outro.

Um dos egressos ficou a trabalhar no quintalório da prisão, dado o seu bom comportamento e jeito para serviços hortícolas. Tanto se dava ele com as couves tronchas que acabou por casar com a filha dum encarcerado. O segundo abalou sem destino.

O outro, aldeagante que era, entrou a pedijchar de terra em terra e boa ideia teve: mendigar, ao fim e ao cabo, é ofício que exige uma sabichonice especial. Lá se foi arrançando até ao dia em que resolveu regressar a penates. Saiu da Régua e meteu pelas faldas do Marão, seguindo o caminho dos almocreves. Querendo Santiago, havia de chegar são e salvo ao Gerês. Barbas compridas, saquitel aos ombros e forte cana na mão. Roto e sujo, claro. Quem o visse, apiedar-se-ia dele concerteza, até porque ao ver gente fingia manquelitar. Ali por Ansiães parou numa encruzilhada a estudar os ventos e sentou-se. Eis senão quando aproximou-se um homem a cavalo a quem fez alto, pedindo-lhe a esmolinha pelas cinco chagas de



Cristo. O do cavalo apeou-se, mirou-o e deu-lhe um pinto⁷. O pobre agradeceu com uma lengalenga cantarolada, mas quando o outro fazia menção de se ir embora voltou à carga:

– Mais uma moeda, senhor. Vou para a Galiza e agora só tenho dois pintos.

O cavaleiro voltou-se:

– Então eu ando a tenir, hoje não consegui nada, aumentei a tua fortuna para o dobro e tu ainda me vens com chorices! Da cá a cana, que te vou dar com ela.

O galego pôs logo a cana atrás das costas – não, não, dizia, – mas o outro sacou-lha e, ouvindo qualquer coisa chocalhar dentro, arregalou os olhos.

– Não, não. Dê-me a canita.

– Quando estou a ouvir música não gosto que me incomodem – disse o viajante que quebrou a cana contra os joelhos, saltando de dentro muitas moedas de ouro. Ante o lacrimoso mendigo que entre insultos e palavrões fazia um escarcéu dos diabos, meteu o dinheiro num alforge.

– Ladrón , ladrón!

O cavaleiro, sorridente, voltou-se para ele e disse:

– Chamaste-me ladrón? Sim, isso é verdade. Mas também é verdade que quem tudo quer tudo perde. Vai lá dizer na tua terra que quem te roubou foi o Zé do Telhado. Ao ouvir tal, o mendicante fugiu a sete pés. Livra!

⁷ *Pinto* – moeda que valia 480 réis

